



A Fonte dos Milhafres

Um dia voei para muito longe, para além do horizonte, sobre a Espanha
Afastando-me cada vez mais de onde saíra e de onde queria voltar
Descuidado, hipnotizado por aqueles campos amarelos-ocres das searas douradas,
que me atraíam irresistivelmente

Cada vez mais longe da montanha que tem o corpo de uma jovem deitada
Cada vez mais baixo, abandonava as esperanças do regresso
O cheiro de searas cortadas chegava-me intenso, inchando-me as narinas
E desejava desistir para pousar naquele solo vermelho e dormir abraçado à terra,
como se fosse uma mulher

Uns pontos negros, à minha altitude, acordaram-me
Olhos de Milhafre curiosos que se aproximavam destemidos,
inquirindo sobre a sorte da grande e silenciosa ave branca
Rodearam-me mágicos e devagar afastaram-se,
como quem marca um caminho,
como quem pede que os siga
E voavam sem bater as asas
como se algo milagroso os prendesse no ar

Por quilómetros e quilómetros tentei alcançá-los,
deslizando em silêncio sobre as planícies tórridas de Ávila
E era como se todas as espigas do mundo tivessem reservado um pouco do calor do
dia e o soltassem à minha passagem,
Num ar quente de fim da tarde, leve subindo, dando-me nova energia e alento

E o impossível aconteceu
Na lonjura da luz, nos últimos minutos do sol, pouco a pouco,
surgiu uma língua negra de asfalto onde me pousei: Fuentemillanos!

José Aguiar